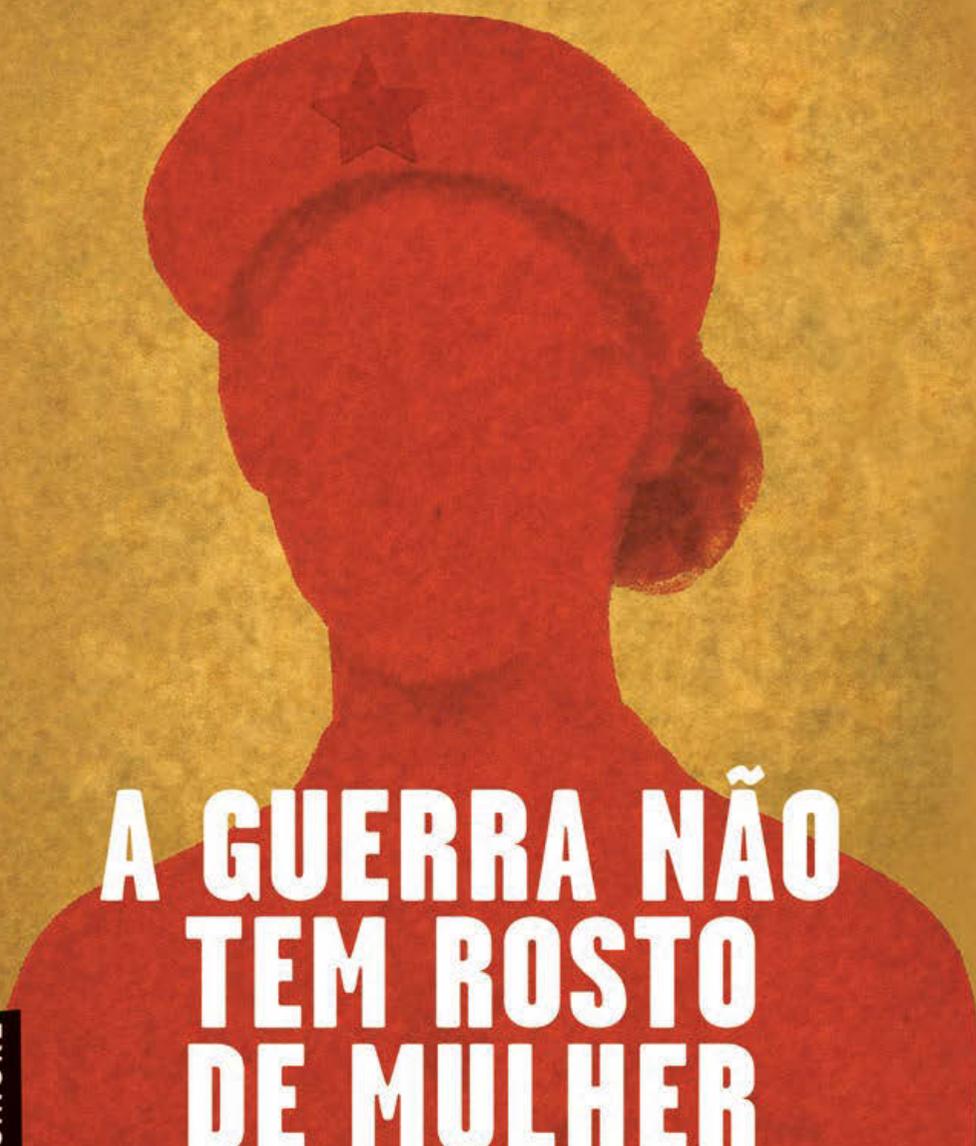


PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

# SVETLANA ALEXIEVICH



**A GUERRA NÃO  
TEM ROSTO  
DE MULHER**

ELSINORE

# ÍNDICE

**13**

O homem é maior do que a guerra

Excertos do diário do livro

—

**47**

«Não me quero lembrar...»

—

**63**

«Cresçam, meninas...

Ainda estão muito verdes...»

—

**117**

«Fui a única a regressar para junto

da minha mãe...»

—

**137**

«Na nossa casa vivem duas guerras...»

—

**145**

«Mas o auscultador não dispara...»

—

**161**

«Condecoravam-nos  
com medalhas pequenas...»

–

**181**

«Não fui eu...»

–

**191**

«Ainda hoje me lembro daqueles olhos...»

–

**209**

«Não disparávamos...»

–

**237**

«Eram precisos soldados... mas também  
tínhamos vontade de estar bonitas...»

–

**265**

«Meninas! Um comandante de pelotão de  
sapadores vive só dois meses... Sabiam?»

–

**281**

«Ver só mais uma vez...»

–

**309**

«Sobre batatas miudinhas...»

–

**339**

«Mamã, o que é um papá?»

—

**361**

«E ela põe a mão no sítio do coração...»

—

**383**

«De repente senti uma vontade louca  
de viver...»

—

– Quando apareceram, pela primeira vez na história, mulheres no exército?

– Já no século IV a. C., as mulheres combateram nos exércitos gregos em Atenas e em Esparta. Mais tarde, participaram nas campanhas de Alexandre Magno.

» O historiador russo Nikolai Karamzín escreveu sobre os nossos antepassados: «As eslavas iam por vezes para a guerra com os pais e maridos, sem temer a morte: por exemplo, durante o cerco de Constantinopla em 626, os gregos encontraram muitos cadáveres femininos entre os mortos. Uma mãe, ao educar os filhos, preparava-os para serem guerreiros.»

– E na idade moderna?

– Foi em Inglaterra, nos anos 1560–1650, que pela primeira vez se criaram hospitais em que serviam mulheres soldados.

– O que se passou no século XX?

– Nos primórdios do século... Durante a Primeira Guerra Mundial, em Inglaterra, as mulheres já eram admitidas na Força Aérea Real, formou-se o Corpo do Exército Auxiliar Feminino, a Legião Feminina e o Serviço Feminino de Transporte, que contavam com cem mil pessoas.

» Na Rússia, na Alemanha e em França, muitas mulheres começaram a prestar serviço em hospitais militares e comboios médicos.

» Durante a Segunda Guerra Mundial, o mundo testemunhou o fenómeno feminino. As mulheres prestavam serviço em todos os corpos do Exército de muitos países do mundo: 225 mil

no Exército inglês, entre 450 mil e 500 mil no norte-americano, 500 mil no alemão...

» Cerca de um milhão de mulheres combateu no Exército soviético. Dominaram todas as profissões militares, mesmo as mais «masculinas». Chegou a surgir um problema linguístico na língua russa: até então, as palavras *tanquista*, *infante*, *fuzileiro* não tinham género feminino, porque uma mulher nunca fizera esse trabalho. Foi lá que as palavras femininas nasceram, na guerra...

*Da conversa com um historiador*

# O HOMEM É MAIOR DO QUE A GUERRA

## EXCERTOS DO DIÁRIO DO LIVRO

*Milhões de mortos ao desbarato  
Trilharam o seu caminho nas trevas...*

Óssip Mandelstam

1978-1985

Escrevo um livro sobre a guerra...

Eu, que não gostava de ler livros de guerra, apesar de serem a leitura preferida de toda a gente na minha infância e adolescência. De todos os meus contemporâneos. Não surpreende: éramos filhos da Vitória. Filhos dos vencedores. O que me faz lembrar primeiro a guerra? A minha tristeza de criança por entre palavras incompreensíveis e assustadoras. A guerra era sempre lembrada: na escola e em casa, nos casamentos e nos batismos, nas festas e nos almoços fúnebres. Mesmo nas conversas entre crianças. Certa vez um miúdo vizinho perguntou-me: «O que fazem as pessoas debaixo da terra? Como é que vivem lá?» Também queríamos decifrar o mistério da guerra.

Foi quando comecei a pensar na morte... E nunca deixei de pensar nela, tornou-se para mim o maior mistério da vida.

Para nós, tudo vinha daquele mundo horrendo e misterioso. Na nossa família, o avô ucraniano, pai da minha mãe, foi morto na frente de combate e sepultado algures em terra húngara, e a avó bielorrussa, mãe do meu pai, morreu de tifo enquanto estava

com os *partisans*<sup>1</sup>, os seus dois filhos estiveram no Exército e desapareceram nos primeiros meses de guerra, dos três só regressou um. O meu pai. Os alemães queimaram vivos onze parentes afastados, juntamente com os filhos: uns nas suas casas, outros na igreja da aldeia. Foi assim em cada família. Tocou a todos.

Durante muito tempo, os putos da aldeia brincaram aos «alemães» e aos «russos». Gritavam palavras alemãs: «*Hände hoch!*», «*zurück!*», «*Hitler kaputt!*»

Não conhecíamos o mundo sem guerra, o mundo da guerra era o único que conhecíamos, e a gente da guerra era a única que conhecíamos. Mesmo hoje não conheço outro mundo nem outra gente. Terão alguma vez existido?

\*

Depois da guerra, a aldeia da minha infância era feminina. De mulheres. Não me lembro de vozes masculinas. Isto ficou dentro de mim: são as mulheres que falam da guerra. Choram. Cantam como choram.

Na biblioteca escolar, metade dos livros falava da guerra. Na biblioteca local e na distrital, aonde o meu pai ia buscar livros, passava-se o mesmo. Hoje tenho a resposta para isso. Será por acaso? Estivemos sempre a combater ou a preparar-nos para a guerra. A recordar os combates. Nunca vivemos de outra forma, provavelmente não sabemos viver. Não fazemos ideia de como se vive de outra forma, um dia teremos de aprender e isso vai demorar muito tempo.

Na escola, ensinavam-nos a amar a morte. Escrevíamos redações sobre o nosso desejo de morrer em nome de... Sonhávamos...

As vozes lá fora gritavam outras coisas, eram mais sedutoras.

---

<sup>1</sup> Movimento de guerrilha no Leste Europeu durante a Segunda Guerra Mundial. [Todas as notas são da tradutora.]

Durante muito tempo fui uma mulher dos livros, a quem a realidade assustava e atraía. O desconhecimento da vida deu origem à intrepidez. Hoje penso: se tivesse sido uma pessoa mais realista, teria sido capaz de me atirar em tamanho abismo? Que razão haveria para tudo aquilo, seria por desconhecimento? Ou pelo pressentimento de um caminho? Pois o pressentimento do caminho existe...

Procurei longamente... Que palavras podem transmitir o que ouço? Procurei o género que estivesse em sintonia com a minha maneira de ver o mundo, com a organização da minha visão, do meu ouvido.

Um dia veio parar-me às mãos o livro *Sou de Uma Aldeia em Chamas*, de Ales Adamóvitch, Ianka Bryl e Vladímir Kolésnik. Experimentei semelhante abalo uma única vez, ao ler Dostoiévski. Neste caso, tratava-se de um formato pouco comum: o romance era montado a partir das vozes da própria vida, do que ouvi em criança, do que se ouve agora na rua, em casa, no café, no troleicarro. É isso! O círculo fechou-se. Encontrei o que procurava. Pressentia-o.

Ales Adamóvitch tornou-se meu mestre...

\*

Passei dois anos mais a pensar do que a encontrar-me com pessoas e gravar. A ler. De que vai falar o meu livro? Lá vamos nós, mais um livro sobre a guerra... Para quê? Já houve milhares de guerras, grandes e pequenas, conhecidas e desconhecidas. E escreveu-se tanto sobre elas. Ainda assim... Escreveram homens e sobre homens: isto ficou logo claro. Tudo o que sabemos sobre a guerra chegou até nós através da «voz masculina». Somos todos prisioneiros das noções «masculinas» e das sensações «masculinas» da guerra. Das palavras «masculinas». E as mulheres estão caladas. Ninguém, a não ser eu, interrogou a minha avó. A minha mãe. Mesmo as mulheres que estiveram na frente

de combate estão caladas. Se de repente começam a recordar, não contam a guerra «feminina», mas a «masculina». Obedecem ao cânone. E só em casa, ou a derramar uma lágrima no círculo de amigas dos tempos de guerra, começam a falar da sua guerra, que é desconhecida para mim. Não só para mim, mas para todos nós. Nas minhas viagens enquanto jornalista, fui mais de uma vez testemunha e única ouvinte de textos inteiramente novos. Senti-me abalada, como em criança. Nesses relatos divisava-se o ricto do misterioso... Quando falam as mulheres, elas não mencionam, ou quase não mencionam, o que nos habituámos a ler e ouvir: como umas pessoas matavam heroicamente outras e venceram. Ou perderam. Que meios tinham, quem eram os generais. Os relatos femininos são diferentes e falam de coisas diferentes. A guerra «feminina» tem as suas cores, os seus cheiros, a sua iluminação e o seu espaço de sentimentos. Tem as suas palavras. Nesta guerra, não há heróis nem proezas incríveis, mas tão-só as pessoas ocupadas na sua atividade humana e simultaneamente desumana. Lá, não são só elas, as pessoas, a sofrer, mas também a terra, os pássaros, as árvores. Todos os que habitam a terra conosco. Estes sofrem sem palavras, o que é ainda mais horrível.

Mas porquê?, perguntei-me mais de uma vez. Porque não defenderam a sua história as mulheres que disputaram e ocuparam o seu lugar num mundo outrora completamente masculino? As suas palavras e os seus sentimentos? Não acreditaram em si mesmas? Há um mundo inteiro oculto de nós.

Quero escrever a história desta guerra. A história feminina.

\*

Depois dos primeiros encontros...

Vem o espanto: as profissões militares dessas mulheres eram enfermeiras, francoatiradoras, metralhadoras, comandantes de canhões antiaéreos, sapadoras, mas hoje são contabilistas,

técnicas de laboratório, guias, professoras... Os papéis, lá e cá, não coincidem. Parecem estar a lembrar-se não de si próprias, mas de outras raparigas quaisquer. Hoje, ficam surpreendidas com elas próprias. A história «humaniza-se» diante dos meus olhos, torna-se parecida com uma vida comum. Surge uma outra luz.

Encontrei narradoras espantosas, as suas vidas têm páginas que podem competir com as melhores páginas da literatura clássica. O homem vê-se claramente a partir de cima — do céu — e de baixo — da terra. Diante dele está todo o caminho para cima e o caminho para baixo: do anjo à besta. Uma recordação não é o relato apaixonado ou impassível de uma realidade desaparecida, mas um novo nascimento do passado quando o tempo volta para trás. É, antes de mais, um ato criativo. Ao relatar, as pessoas criam, «escrevem a sua vida». Também acontece «sobrescreverem» e «rescreverem». É preciso estar alerta. De guarda. Ao mesmo tempo, a dor derrete, destrói qualquer falsidade. A uma temperatura demasiado alta! Convenci-me de que as pessoas simples (enfermeiras, cozinheiras, lavadeiras) têm um comportamento mais sincero... Extraem as palavras, por assim dizer, de dentro de si, e não dos jornais e dos livros lidos, ou seja, da experiência alheia. Apenas do seu próprio sofrimento e experiência. Por estranho que pareça, os sentimentos e a linguagem das pessoas instruídas estão frequentemente mais sujeitos ao «processamento» pelo tempo. À sua codificação genérica. São contaminados pelo conhecimento secundário. Pelos mitos. Muitas vezes é preciso percorrer um caminho longo, dando voltas e mais voltas, para poder ouvir o relato sobre a guerra «feminina», em vez da «masculina»: como recuámos, como avançámos, em que zona da frente de combate... Um encontro não basta, são precisas muitas sessões. Como a um retratista persistente.

Passo muito tempo numa vivenda ou num apartamento desconhecido, por vezes um dia inteiro. Tomamos chá, experimentamos blusas recém-compradas, discutimos penteados e receitas de cozinha.

Examinamos juntas as fotografias dos netos. Eis que então... Após algum tempo – nunca se sabe quanto nem porquê –, de repente chega aquele momento almejado em que a pessoa se afasta do cânone, de gesso ou de cimento armado como os nossos monumentos, e vai ao encontro de si própria. Para dentro de si. Começa a lembrar-se, não da guerra, mas da sua juventude. De um fragmento da sua vida... É preciso captar este momento. Não deixar passá-lo! Contudo, em muitos casos, depois de um dia preenchido com palavras, factos, lágrimas, resta na memória apenas uma frase (mas que frase!): «Fui combater tão nova, que durante a guerra até cresci.» É a que fica no meu bloco de notas, ainda que o gravador tenha dezenas de metros gravados. Quatro a cinco cassetes...

O que me ajuda? Ajuda-me estarmos habituados a viver juntos. Em comum. Somos gente comunitária. Está tudo à vista: tanto a felicidade quanto as lágrimas. Sabemos sofrer e contar o sofrimento. O sofrimento justifica a nossa difícil e desajeitada vida. Para nós, a dor é uma arte. As mulheres, reconheça-se, empreendem este caminho com coragem...

\*

Como me recebem elas?

Tratam-me por «menina», «filhinha», «querida»; se eu pertencesse à sua geração, talvez se comportassem comigo de outra forma. Tranquilamente e em pé de igualdade. Sem aquela alegria e assombro que oferece o encontro entre a juventude e a velhice. É um pormenor muito importante, o de terem sido então jovens e de recordarem agora, sendo já velhas. As suas recordações atravessam a vida toda: atravessam quarenta anos. Elas abrem-me o seu mundo com cuidado, poupam-me: «Casei-me logo depois da guerra. Refugiei-me no meu marido. Nos afazeres do dia a dia, nas fraldas do bebé. Refugiei-me de bom grado. A minha mãe também me pediu: “Fica calada! Fica calada! Não contes nada.” Cumpri

o meu dever perante a Pátria, mas sinto-me triste por ter estado lá. Por saber o que sei... “Mas tu ainda és nova. Tenho pena de ti...”» Vêjo-as com frequência sentadas à escuta de si próprias. Do som da sua alma. A conferi-lo com as palavras. Depois de tantos anos vividos, a pessoa compreende que a vida já se foi e que, a seguir, é preciso resignar-se e preparar-se para a partida. Não lhe apetece, dá pena desaparecer simplesmente assim. Descuidadamente. Ao andar. E, quando olha para trás, está com vontade de falar do que é seu, mas também de alcançar o mistério da vida. Responder a si própria à pergunta: para que me aconteceu aquilo? Encara tudo com um olhar de despedida, um pouco triste... Quase do Além... Já não vale a pena enganar e enganar-se. Já compreende que, sem pensar na morte, não se pode divisar nada no homem. O mistério da morte existe acima de tudo.

A guerra é uma vivência demasiado íntima. E tão infinita como uma vida humana...

Certa vez uma mulher (aviadora) recusou encontrar-se comigo. Explicou ao telefone: «Não consigo... Não me quero lembrar. Passei três anos na guerra... E durante três anos não me senti mulher. O meu corpo amorteceu. Fiquei sem menstruação, quase sem nenhum desejo feminino. E era bonita... Quando o meu futuro marido me pediu em casamento... Foi já em Berlim, junto ao Reichstag... Ele disse-me: “A guerra terminou. Ficámos vivos. Tivemos sorte. Casa-te comigo.” Quis chorar. Quis gritar. Quis dar-lhe uma bofetada! Como assim, casar-me? Agora? No meio de tudo isto, casar-me? No meio da fuligem preta e dos tijolos pretos... Olha bem para mim... Vê só como estou! Primeiro faz de mim mulher: oferece-me flores, corteja-me, diz-me palavras bonitas. Anseio tudo isso! Quero tanto! Por pouco não lhe bati... Quis bater-lhe... Ele tinha uma face vermelha, queimada, e vi que ele compreendera tudo, as lágrimas rolaram-lhe pela face. Pelas cicatrizes ainda frescas... Eu própria não acreditei no que lhe disse: “Sim, vou casar-me contigo.”

» Perdoe-me... Não consigo...»

Compreendi-a. Mas isto também é uma página ou meia página do futuro livro.

Textos, textos. Por todo o lado, textos. Nos apartamentos da cidade e nas casas rurais, na rua e no comboio... Escuto... Transformo-me cada vez mais num ouvido grande, sempre virado para outra pessoa. «Leio» a voz.

\*

O ser humano é maior do que a guerra.

Na memória ficam precisamente os instantes em que é maior. Quando o guia algo mais forte do que a história. Devo ser mais abrangente: escrever a verdade sobre a vida e a morte em geral, e não apenas a verdade sobre a guerra. Fazer a pergunta de Dostoiévski: quanto homem há no homem, e como defender esse homem em si mesmo? Não há dúvida de que o mal é sedutor. É mais sofisticado do que o bem. Mais atrativo. Vou imergindo sempre mais fundo no mundo infinito da guerra, tudo o resto turvou-se um pouco, tornou-se mais habitual do que o habitual. Um mundo grandioso e rapace. Agora compreendo a solidão do homem que regressou de lá. Como de outro planeta ou do Além. Possui o conhecimento que os outros não possuem e que só se pode obter lá, perto da morte. Quando tenta transmitir algo por palavras, domina-o a sensação de catástrofe. O homem emudece. Quer contar, os restantes gostariam de compreender, mas são todos impotentes.

Eles encontram-se sempre num espaço diferente do espaço do ouvinte. Estão rodeados por um mundo invisível. Na conversa participam no mínimo três pessoas: a que conta, essa mesma pessoa tal como era à época, no momento do acontecimento, e eu. O meu objetivo é conseguir, acima de tudo, a verdade daqueles anos. Daqueles dias. Sem falsificar os sentimentos. Logo depois da guerra, o homem tem uma determinada visão sobre a guerra;

após dezenas de anos, é óbvio que algo nele muda, porque põe nas recordações toda a sua vida. Ele inteiro. Como viveu todos esses anos, o que leu e o que viu, quem encontrou. Afinal, é feliz ou infeliz? Conversamos a sós ou há mais alguém por perto? A família? Como são os amigos? Os amigos ex-combatentes são uma coisa, todos os outros são outra. Os documentos são como seres vivos, mudam e oscilam connosco, pode ir-se extraindo algo deles sem fim. Algo novo de que necessitamos precisamente agora. No momento presente. O que procuramos? Na maioria dos casos, não procuramos proezas nem heroísmo, mas algo pequeno e humano, o que nos é próximo e interessa mais. Bom, o que eu gostaria de saber, por exemplo, sobre a vida na antiga Grécia... Da história de Esparta... Gostaria de ler como e de que falavam então as pessoas em casa. Como partiam para a guerra. Que palavras diziam aos seus amados no último dia e na última noite, antes da despedida. Como se despediam dos guerreiros. Como esperavam pelo regresso deles da guerra... Não dos heróis e chefes militares, mas dos jovens comuns...

História através do relato, que passou despercebido, da sua testemunha e participante. Sim, isto interessa-me, era disto que eu queria fazer literatura. Mas os narradores, mais do que testemunhas, são atores e criadores. É impossível chegar bem perto da realidade, ficar face a face. Entre nós e a realidade estão os nossos sentimentos. Dou-me conta de ter de lidar com versões, cada um tem a sua, e a imagem do tempo e das pessoas que o habitam nasce das versões, da sua quantidade e dos seus cruzamentos. No entanto, eu não queria que alguém dissesse do meu livro: as suas personagens são reais, é só. Que é uma história. Nada mais do que uma história.

Não escrevo sobre a guerra, mas sobre o ser humano na guerra. Não escrevo a história da guerra, mas a história dos sentimentos. Sou historiadora da alma. Por um lado, estudo um homem concreto que vive num tempo concreto, tendo participado em

acontecimentos concretos, por outro, preciso de descobrir nele um homem eterno. A trepidação da eternidade. O que sempre existe no homem.

Dizem-me: bom, as recordações não são história nem literatura. São simplesmente vida, cheia de lixo e não trabalhada pela mão do artista. É o material bruto de um discurso, todos os dias estão cheios dele. Há tijolos destes em todo o lado. No entanto, os tijolos ainda não são um templo! Mas eu vejo tudo de outra forma... A alegria prístina está dissimulada e a insuperável tragicidade da vida posta a nu precisamente na quente voz humana, no vivo reflexo do passado. O seu caos e a sua paixão. A unicidade e a inescrutabilidade. Lá, ainda não foram sujeitos a qualquer tratamento. São genuínas.

Edifício templos com os nossos sentimentos... Com os nossos desejos, desencantos. Sonhos. Do que existiu, mas pode escapar.

\*

Mais uma vez sobre o mesmo tema... Interessa-me não só a realidade que nos rodeia, mas também a que está dentro de nós. Não é o acontecimento em si que é objeto do meu interesse, mas o acontecimento dos sentimentos. Digamos, a alma do acontecimento. Para mim, os sentimentos são realidade.

E a história? Ela está lá fora. Na multidão. Acredito que cada um de nós guarda dentro de si um pequeno fragmento da história. Um tem meia página, outro duas ou três. Escrevemos juntos o livro do tempo. Cada um grita a sua verdade. Um sem-fim de tons. E eu preciso de discernir isso tudo, diluir-me nisso tudo e tornar-me isso tudo. E ao mesmo tempo não me perder a mim mesma. Unir a fala da rua e a da literatura. A dificuldade também está em falarmos do passado com a linguagem de hoje. Como transmitir por meio dela os sentimentos daqueles dias?

\*

De manhã recebo um telefonema: «Não nos conhecemos. Mas vim da Crimeia, estou a ligar-lhe da estação ferroviária. Fica longe da sua casa? Quero contar-lhe a minha guerra...»

A sério?

Eu e a minha filha preparávamo-nos para ir a um parque. Andar no carrossel. Como hei de explicar a uma menina de seis anos aquilo a que me dedico? Há pouco, perguntou-me: «O que é isso, a guerra?» Que resposta dar... Quero deixá-la entrar neste mundo com um coração carinhoso, explico-lhe que não se pode arrancar uma flor sem necessidade. Dá pena esmagar uma joaninha, arrancar as asas de uma libélula. Mas como explicar a guerra a uma criança? Como explicar a morte? Como responder à pergunta: porque matam lá? Até matam crianças pequenas, como ela. Entre nós, adultos, existe como que um entendimento. Compreendemos de que se trata. E as crianças? Depois da guerra, os meus pais explicaram-mo de alguma maneira, mas eu já não consigo explicar à minha filha. Encontrar as palavras. Gostamos cada vez menos da guerra, é-nos cada vez mais difícil encontrar-lhe uma justificação. Para nós, passou a ser simplesmente uma matança. Em todo o caso, para mim é assim.

Escrever um livro sobre a guerra de modo que a guerra provoque náuseas e que a própria ideia dela seja repugnante. Demente. Que faça vomitar até os próprios generais...

Os meus amigos homens (ao contrário das amigas) ficam atarantados com esta lógica «feminina». Ouço de novo o argumento «masculino»: «Não estiveste na guerra.» Talvez isso até seja bom: desconheço a paixão do ódio, tenho uma visão normal. Não militar, não masculina.

Na ótica existe o conceito de abertura relativa, ou seja, a capacidade de a objetiva fixar pior ou melhor a imagem captada. Pois a memória feminina da guerra é a que tem maior abertura:

pela tensão dos sentimentos, pela dor. Diria mesmo que a guerra «feminina» é mais horrível do que a «masculina». Os homens escondem-se atrás da história, atrás dos factos, a guerra fascina-os como ação e contraposição de ideias, de diferentes interesses, ao passo que as mulheres são avassaladas pelos sentimentos. Mais, os homens vão sendo preparados desde a infância para a probabilidade de ter de atirar. As mulheres não aprendem isso... não se preparavam para fazer este trabalho... Elas lembram-se de outras coisas e de outra forma. São capazes de ver o que está oculto aos homens. Repito: a guerra das mulheres tem cheiros, cores, um universo de pormenores existenciais: «Deram-nos mochilas, e nós fizemos saias com elas»; «No comissariado militar<sup>2</sup>, entrei por uma porta de vestido e saí por outra de calças e camisa militares, cortaram-me a trança, só me deixaram um topetezinho na cabeça...»; «Os alemães abateram a gente da aldeia e foram-se embora. Chegámos àquele sítio: uma areia amarela compacta e uma botinha de criança em cima...» Mais de uma vez fui avisada (em especial, pelos escritores homens): «As mulheres vão inventar uma quantidade de coisas. Vão engendrar.» Mas eu estou convencida de que não se podem inventar tais coisas. Copiá-las de alguém? Mesmo que dê para copiar, só pode ser da vida, só ela tem tamanha fantasia.

Falem as mulheres do que falarem, nelas está sempre presente o pensamento: a guerra é em primeiro lugar uma matança, depois um trabalho duro. E depois disso, vem a vida simples do dia a dia: cantavam, apaixonavam-se, enrolavam o cabelo...

A sensação insuportável de que não se quer morrer está sempre no centro. Ter de matar é ainda mais insuportável porque a mulher dá vida. Doa-a. Transporta-a longamente dentro de si, cria-a, desfaz-se em cuidados. Percebi que as mulheres têm maior dificuldade em matar.

---

<sup>2</sup> Serviço de alistamento na União Soviética.

\*

Os homens deixam a contragosto as mulheres entrarem no seu mundo, no seu território.

Na fábrica de tratores de Minsk, procurei uma mulher que servira como francoatiradora. Fora famosa. Os jornais de guerra escreveram várias vezes sobre ela. As suas amigas de Moscovo deram-me o número de telefone de casa, mas era antigo. O apelido de que dispunha era o de solteira. Fui à fábrica, onde, segundo eu sabia, ela trabalhava na secção de pessoal, e ouvi os homens (o diretor da fábrica e o chefe da secção de pessoal) dizerem: «Faltam-lhe homens, ou quê? Para que quer essas histórias de mulher? Fantasias de mulher...» Os homens recebiam que as mulheres pudessem contar uma guerra diferente.

Visitei um casal... Tinham combatido os dois, o marido e a mulher. Tinham-se encontrado na frente de combate e lá se tinham casado: «Festejámos o nosso casamento na trincheira. Antes da batalha. Fiz o meu vestido branco com um paraquedas alemão.» Ele era metralhador, ela agente de ligação. O marido mandou logo a mulher para a cozinha: «Arranja-nos lá qualquer coisa.» A água na chaleira ferveu e as sanduíches estavam preparadas, mas, mal ela se sentou ao nosso lado, o marido mandou-a levantar-se outra vez: «E os morangos? Onde estão os morangos da nossa *datcha*?» Depois da minha insistência, cedeu-lhe o lugar a contragosto com as palavras: «Conta como te ensinei. Sem lágrimas nem esses pormenores de mulher: queria ser bonita, chorei quando me cortaram a trança.» Mais tarde, ela confessou-me num sussurro: «Estudou comigo o volume da *História da Grande Guerra Patriótica*<sup>3</sup> toda a noite. Estava preocupado comigo. E agora também tem medo de que me lembre de coisas erradas. De modo errado.»

---

<sup>3</sup> Guerra da União Soviética contra a Alemanha nazi (1941–1945). A designação disseminou-se após o discurso radiofónico de Estaline à nação soviética, em 1941.

Assim aconteceu mais de uma vez, em mais de uma casa.

Sim, elas choram muito. Gritam. Depois de eu sair, tomam comprimidos para o coração. Chamam a ambulância. Mas pedem na mesma: «Venha cá. Venha sem falta. Ficámos caladas tanto tempo. Quarenta anos caladas...»

Compreendo que não se podem sujeitar o choro e o grito a um tratamento literário, caso contrário o tratamento terá mais importância do que o choro e o grito. A literatura substituirá a vida. Assim é este material, a temperatura deste material. Ultrapassa continuamente a escala. O ser humano vê-se e abre-se mais na guerra e talvez no amor. Até às profundezas, até às camadas subcutâneas. Face à morte todas as ideias empalidecem, abre-se uma eternidade inconcebível para a qual ninguém está preparado. Ainda vivemos na história, não no espaço.

Várias vezes recebi de volta o meu texto enviado para leitura, com a nota: «Não se querem pormenores... Escreva sobre a nossa grande Vitória...» Mas os «pormenores» — os que mais me importam — são o calor e a clareza da vida: o topete que ficou em vez das tranças cortadas; panelas quentes de sopa e papa que não há quem coma — das cem pessoas, regressaram do combate sete; ou não serem capazes, depois da guerra, de ir ao mercado e ver as bancadas vermelhas de carne... Nem chita vermelha... «Ah, minha cara, já se passaram quarenta anos, mas não encontrará nada vermelho na minha casa. Depois da guerra, odeio a cor vermelha!»

\*

Escuto atentamente a dor... Dor como uma prova da vida passada. Outras provas não existem, nem confio noutras. Mais de uma vez as palavras desviaram-nos da verdade.

Penso no sofrimento como forma suprema da informação com ligação direta ao mistério. Ao arcano da vida. Toda a literatura

rusa é sobre isso. Escreveu-se mais sobre o sofrimento do que sobre o amor.

A mim, também me contam sobre isso...

\*

Quem eram eles, russos ou soviéticos? Não, eles eram soviéticos: os Russos, os Bielorrussos, os Ucrânicos, os Tajiques...

O homem soviético existiu mesmo. Essas pessoas, penso, nunca mais existirão, elas próprias já o percebem. Mesmo nós, seus filhos, somos diferentes. Gostaríamos de ser como todos. Parecidos com o mundo, não com os nossos pais. Já para não falar nos nossos netos...

Mas eu amo-os. Admiro-os. Tiveram Estaline e o *gulag*, mas também tiveram a Vitória. E eles sabem-no.

Há pouco recebi uma carta:

«A minha filha gosta muito de mim, para ela sou uma heroína; se ela vier a ler o seu livro, o seu desencanto será grande. Sujidade, piolhos, sangue sem fim: é tudo verdade. Não o nego. Mas... serão estas recordações capazes de originar sentimentos nobres? De preparar para um ato heroico?»

Convenci-me mais de uma vez:

... de que a nossa memória é um instrumento longe de ser ideal. Além de ser arbitrária e caprichosa, está acorrentada, como um cão, ao tempo.

... de que olhamos para o passado a partir do hoje, não podemos olhar a partir do nada.

... de que elas estão enamoradas do que lhes aconteceu, porque foi tudo, não apenas a guerra, mas também a sua juventude. O primeiro amor.

\*

Escuto quando elas falam... Escuto quando estão caladas... Para mim, quer as palavras, quer o silêncio são texto.

— Isto não é para publicar, é para si... Os mais velhos... Iam pensativos no comboio... Tristes. Lembro-me de um major me ter falado à noite, quando todos dormiam, de Estaline. Depois de beber um bom trago, ganhou coragem e confessou que o seu pai já levava dez anos num campo de trabalhos forçados, sem direito à correspondência. Não se sabia se estava vivo ou não. Este major pronunciou palavras aterradoras: «Quero defender a Pátria, mas não quero defender esse traidor da revolução, Estaline.» Nunca ouvi palavras como aquelas... Fiquei assustada... Felizmente, de manhã ele já se tinha ido embora. Deve ter saído...

— Vou confidenciar-lhe... Tinha uma amiga, a Oksana, que era da Ucrânia. Foi dela que ouvi falar pela primeira vez da grande fome na Ucrânia. Do *Golodomor*<sup>4</sup>. Já era impossível apanhar uma rã ou um rato: tinha sido tudo comido. Na aldeia dela morreu metade dos habitantes. Morreram os irmãos mais pequenos, o pai e a mãe, e ela só se salvou porque de noite roubava estrume de cavalo na cavaliça do *kolkhoz*<sup>5</sup> e comia-o: «Quando está quente, não entra na boca, mas dá para comer frio. Congelado, é melhor ainda, cheira a feno.» Eu dizia: «Oksana, o camarada Estaline combate. Elimina os sabotadores, mas eles são muitos.» «Não», respondia ela, «és estúpida. O meu pai era professor de história, dizia-me: “Um dia o camarada Estaline vai responder pelos seus crimes...”»

» De noite, deitada, eu pensava: e se a Oksana fosse um inimigo? Uma espia? O que fazer? Dois dias mais tarde, morreu em combate. Não lhe restava nenhum familiar, não havia ninguém a quem enviar a comunicação de morte...

---

<sup>4</sup> Período de fome (1932–1933), provocada pelo regime estalinista no território da Ucrânia, de que resultaram quase quatro milhões de mortos.

<sup>5</sup> Cooperativa de produção agrícola na União Soviética.

Abordam este tema rara e cautelosamente. Ainda hoje estão paralisadas não só pela hipnose e pelo medo estalinista, mas pela fé de então. Ainda não conseguem deixar de amar o que amaram. A coragem na guerra e a coragem do pensamento são duas coragens diferentes. E eu julgava que eram a mesma.

\*

O manuscrito está na secretária há muito tempo...

Já levo dois anos a receber recusas das editoras. As revistas guardam silêncio. A sentença é sempre igual: uma guerra demasiado aterradora. Demasiado horror. E naturalismo. Não mostra o papel do Partido Comunista como líder e guia. Numa palavra, não é a guerra como deve ser... Como deve ser, então? Com os generais e um generalíssimo sábio? Sem sangue e sem piolhos? Com heróis e façanhas? Mas lembro-me da minha infância — caminho com a minha avó por um campo grande, e ela conta-me: «Depois da guerra, nada cresceu neste campo durante muito tempo. Os alemães retrocediam... E houve aqui um combate, durou dois dias... Os mortos jaziam lado a lado, como gavelas. Como travessas na estação de caminhos de ferro. Os alemães e os nossos. Depois da chuva, todos tinham rostos chorosos. A aldeia inteira demorou um mês a sepultá-los...»

Como posso esquecer esse campo?

Não me limito a gravar. Recolho, sigo a pista do espírito humano, lá onde o sofrimento faz um homem grande de um homem pequeno. Onde um homem cresce. E ele deixa então de ser para mim o proletariado da história, mudo e que não deixa marcas. A sua alma abre-se. Em que consiste, pois, o meu conflito com o poder? Compreendi: uma grande ideia precisa de um homem pequeno, não precisa do grande. Para ela, ele é excessivo e incómodo. É difícil de trabalhar. Mas é ele quem procuro. Procuro o pequeno grande homem. Humilhado, esmagado, injuriado,

depois de ter passado pelos campos estalinistas e por traições, ele venceu. Operou um milagre.

Mas a história da guerra foi substituída pela história da vitória.

Este meu homem vai contá-la...

## **Dezassete anos mais tarde**

2002-2004

Leio o meu diário antigo...

Tento recordar a pessoa que fui quando estava a escrever este livro. Essa pessoa já não existe, não existe sequer o país em que então vivíamos. O país que os Soviéticos defendiam e em nome do qual morriam em 1941-1945. Lá fora é já tudo diferente: um novo milénio, novas guerras, novas ideias, novas armas e o homem russo (mais exatamente, russo-soviético) que mudou de uma maneira de todo inesperada.

Começou a *perestroika* de Gorbachev... O meu livro foi logo publicado, teve uma tiragem vertiginosa: dois milhões de exemplares. Foi o tempo em que aconteciam muitas coisas impressionantes, de novo lançámo-nos com ímpeto não sabíamos bem para onde. De novo, para o futuro. Ainda não sabíamos (ou então esquecemos) que a revolução é sempre uma ilusão, sobretudo na nossa história. Mas isso será mais tarde, naquela altura estavam todos ébrios do ar da liberdade. Comecei a receber diariamente dezenas de cartas, as minhas pastas iam engrossando. As pessoas quiseram falar... Acabar de dizer... Tornaram-se mais livres e francas. Não me restavam dúvidas de que eu estava para sempre condenada a escrever mais alguma coisa nos meus livros... Não rescrever, mas sobrescrever. Ponho um ponto final, mas ele transforma-se de imediato em reticências...

\*

Penso que hoje, provavelmente, faria outras perguntas e ouviria outras respostas. E escreveria outro livro, não muito diferente, mas ainda assim outro. Os documentos com que lido são testemunhos vivos, não se solidificam como a argila arrefecida. Não emudecem. Movem-se conosco. Hoje, questionaria mais o quê? O que gostaria de acrescentar? Interessar-me-ia muito... estou à procura da palavra... o homem biológico, e não apenas o homem do tempo e da ideia. Tentaria olhar mais fundo na natureza humana, nas trevas, na subconsciência. No mistério da guerra.

Escreveria sobre a minha visita a uma antiga *partisan*. Esta mulher pesada mas ainda bonita contou-me como o seu grupo (ela, a responsável, e dois adolescentes) saíra em missão de reconhecimento e por acaso fizera quatro alemães prisioneiros. Andaram durante muito tempo pela floresta com eles. Deram com uma emboscada. Ficara claro que, com os prisioneiros ao lado, não conseguiriam passar e escapar do inimigo, e ela tomara a decisão de liquidá-los. Os adolescentes não conseguem matar: já andam há uns dias juntos na floresta, e, quando andas muito tempo com uma pessoa, mesmo que seja estranha, habituas-te a ela na mesma, torna-se como que mais próxima — já sabes como come, como dorme, que olhos e mãos tem. Não, os adolescentes não conseguem. Ela compreendera-o logo. Portanto, era ela quem devia matar. Pôs-se a lembrar-se de como os matava. Tivera de enganar uns e outros. Afastara-se com um alemão, com o pretexto de ir buscar água, e disparara por trás. Na nuca. Levara outro a buscar ramos secos... Fiquei estarecida com a calma com que ela o contava.

Os que estiveram na guerra lembram-se de que um civil se transforma num militar em três dias. Porque bastam apenas três dias? Ou será também um mito? É o mais provável. Lá, o homem é muito mais desconhecido e incompreensível.

Li em todas as cartas: «Não lhe contei tudo naquele momento porque eram outros tempos. Estávamos habituados a calar muita coisa...», «Não lhe confiei tudo. Ainda há pouco tempo não se podia falar naquilo. Ou era vergonhoso», «Estou consciente da sentença dos médicos: tenho um diagnóstico terrível... Quero contar toda a verdade...»

Acabo de receber a seguinte carta: «Nós, os velhos, temos uma vida difícil... Mas não sofremos por causa das pensões pequenas e humilhantes. O que mais nos magoa é sermos expulsos de um grande passado para um presente insuportavelmente pequeno. Já ninguém nos convida para discursar nas escolas, nos museus, já não fazemos falta. Nos jornais, os nazis são cada vez mais nobres, e os soldados vermelhos cada vez mais hediondos.»

O tempo também é a Pátria... Mas gosto destas mulheres como antes. Não gosto do seu tempo, mas gosto delas.

\*

Tudo pode tornar-se literatura.

Nos meus arquivos, interessou-me mais o bloco de notas em que ia anotando os episódios riscados pela censura. E também as minhas conversas com o censor. Também encontrei lá páginas que eu própria excluía. A minha autocensura, a minha própria proibição. E a minha explicação da razão por que excluía. Muito da primeira e da segunda já foi recuperado no livro, mas quero mostrar à parte algumas páginas que já são o documento em si. O meu caminho.

### **Do que foi excluído pela censura**

«Acontece-me acordar de noite... Como se alguém estivesse... a chorar ao lado... Estou na guerra...

» Estamos a retroceder... Já depois de Smolensk, uma mulher dá-me um vestido seu, e mudo de roupa. Caminho sozinha... entre os homens. Ora andava de calças, ora vou num vestido de verão. De repente surgem-me essas coisas... Femininas... Tive o período mais cedo, talvez devido à preocupação. À aflição, ao ressentimento. Onde é que havia de arranjar alguma coisa? Que vergonha! Fiquei tão envergonhada! Dormíamos debaixo dos arbustos, nos regos, nos cepos na floresta. Éramos tantos, que não havia espaço na floresta para todos. Íamos confusos, enganados, já sem fé em ninguém... Onde estão os nossos aviões, onde estão os nossos tanques? Tudo o que voa, rasteja e trovoa é alemão.

» Fizeram-me prisioneira nesse estado. No último dia antes de ter sido presa, uma explosão partiu-me as duas pernas... Jazia no chão, urinava em cima de mim... Não sei onde fui buscar as forças para rastejar na direção da floresta durante a noite. Os *partisans* encontraram-me por acaso...

» Tenho pena dos que vão ler este livro e dos que não o vão ler...»

\*

» Estava no meu turno da noite... Entrei na enfermaria dos feridos graves. Estava lá um capitão... Antes do turno os médicos avisaram-me de que ele iria morrer durante aquela noite. Não chegaria à manhã... Pergunto-lhe: “Como estás? Em que posso ajudar?” Nunca me esquecerei... Ele sorriu de repente, um sorriso tão luminoso no rosto extenuado: “Desabotoa a bata. Mostra-me o teu peito... Não vejo a minha mulher há muito tempo...” Fiquei desconcertada, nunca tinha sido sequer beijada. Respondi-lhe uma coisa qualquer. Saí a correr e regressi uma hora depois.

» Estava morto. Com aquele sorriso no rosto...»

\*

«Nos arredores de Kertch... De noite, íamos numa lancha sob fogo inimigo. A proa começou a arder... As chamas alastraram pelo convés. Explodiram as munições... Uma explosão potente! Tão forte, que a lancha adernou para a direita e começou a afundar-se. A costa não estava longe, intuíamos que estava algures perto, e os soldados atiraram-se para a água. Da costa ouviu-se uma rajada de metralhadora. Gritos, gemidos, palavrões... Eu nadava bem, queria salvar pelo menos uma pessoa. Pelo menos um ferido... Pois era em água, não era em terra, uma pessoa ferida morre logo. Vai ao fundo... Ouço alguém por perto, ora emerge da água, ora volta a afundar-se. Para cima, para baixo. Aproveitei um momento e apanhei-o... Algo frio, escorregadio. Pensei que era um ferido e que a explosão lhe arrancara a roupa. Porque eu própria estava despida... Só fiquei com a roupa interior... Uma escuridão tal. Como breu. Em redor: “Ah! Ai!” E palavrões... Cheguei com ele à costa não sei bem como. Naquele preciso momento um foguete iluminou o céu, e vi que tinha trazido um grande peixe ferido. Um peixe bem grande, da altura de um homem. Um esturjão... Estava a morrer... Caí junto dele e soltei uma enxurrada de palavrões de fazer corar as pedras. Chorei de ressentimento... E de ver todos a sofrerem...»

\*

«Estávamos a sair do cerco... Podíamos correr em qualquer direção, que havia alemães por toda a parte. Decidimos: de manhã vamos tentar romper o cerco a combater. Se é para morrer, que morramos com dignidade. Em combate. Entre nós havia três raparigas. De noite, iam ter com todos os que conseguiam... Nem todos eram capazes. Dos nervos, compreende? Uma situação assim... Cada um de nós preparava-se para morrer...

» De manhã salvaram-se muito poucos... Contam-se pelos dedos. Talvez umas sete pessoas, dos cinquenta que éramos. Os alemães

segaram-nos com metralhadoras... Lembro-me daquelas raparigas com gratidão. De manhã não encontrei nenhuma entre os vivos... Nunca mais as vi...»

\*

*Da conversa com o censor:*

— Mas quem é que vai combater depois de um livro destes? A senhora humilha a mulher com um naturalismo primitivo. A mulher heroína. Faz dela uma mulher comum. Uma fêmea. Mas as nossas mulheres são santas.

— O nosso heroísmo é estéril, não quer saber nem da fisiologia, nem da biologia. Não se acredita nele. Não foi só o espírito, a carne também passou por provações. O invólucro material.

— Onde foi buscar estas ideias? São ideias alheias. Não são soviéticas. A senhora ri-se dos que jazem nas valas comuns. Terá lido demasiado Remarque... Mas aqui o remarquismo não passará. A mulher soviética não é um animal...

\*

«Alguém nos denunciou... Os alemães ficaram a saber a localização do acampamento do destacamento *partisan*. Cercaram a floresta e os acessos a ela de todos os lados. Escondíamos-nos na floresta inacessível, salvavam-nos os pântanos aonde os alemães não chegavam. Um lodaçal. Tragava as pessoas e o equipamento até à morte. Passávamos dias e semanas na água, que chegava à garganta. Entre nós havia uma radiotelegrafista, tinha dado à luz há pouco tempo. O bebé tem fome... Pede o peito... Mas a própria mãe está esfomeada, não tem leite, e o bebé chora. Os alemães andam por perto... Com cães... Se os cães nos cheirarem, estamos todos perdidos. O grupo inteiro, umas trinta pessoas... Está a perceber?

» O comandante toma a decisão...

» Ninguém se atreve a transmitir a ordem à mãe, mas ela própria adivinha. Mete o embrulho com o bebé debaixo de água e mantém-no ali durante muito tempo. O bebé não chora mais. Nem um som. E nós não conseguimos levantar o olhar. Não podemos olhar nem para a mãe, nem uns para os outros.»

\*

«Fazíamos prisioneiros, trazíamos-os ao acampamento... Não eram fuzilados, seria para eles uma morte demasiado fácil, matávamos-os como porcos com varetas de espingardas, cortávamos-os em pedaços. Ia ver isso... Ansiava por isso! Esperava o momento em que os olhos lhes começassem a rebentar de dor... As pupilas...

» O que é que sabe disso?! Eles queimaram a minha mãe com as minhas irmãzinhas numa fogueira no meio da aldeia...»

\*

«Não me lembro nem dos gatos, nem dos cães no tempo da guerra, lembro-me das ratazanas. Grandes... De olhos amarelos e azuis... Havia montes delas... Depois de ter recuperado da ferida, fui encaminhada do hospital de volta à minha unidade. A unidade estava nas trincheiras junto a Estalinegrado. O comandante ordenou: “Levem-na ao abrigo das raparigas.” Entrei no abrigo e admirei-me logo por não haver nele nem um objeto. Camas vazias feitas de ramos de pinheiro, mais nada. Não me avisaram... Deixei a minha mochila no abrigo e saí. Meia hora depois, quando voltei, não encontrei a mochila. Nem rasto das minhas coisas, nem do lápis, nem do pente. As ratazanas comeram tudo num instante...

» De manhã mostraram-me os braços roídos dos feridos graves...

» Não vi em nenhum filme de terror as ratazanas abandonarem a cidade antes do bombardeamento. Não foi em Estalinegrado... Vi-o nos arredores de Viazma... De manhã, bandos de ratazanas

atravessaram a cidade, a caminho dos campos. Pressentiam a morte. Eram milhares... Pretas, cinzentas... As pessoas, horrorizadas, observavam este espetáculo sinistro e encostavam-se às paredes. No preciso momento em que as ratazanas desapareceram do nosso campo de visão, começou o bombardeamento. Apareceram os aviões. No lugar de prédios e caves, ficou uma areia de pedra...»

\*

«Às portas de Estalinegrado havia tantos mortos, que os cavalos já não se assustavam. Regra geral assustam-se. Um cavalo nunca pisa um homem morto. Recolhemos os nossos mortos, mas os alemães jaziam por todo o lado. Congelados... Eram blocos de gelo... Sou motorista, transportava caixas com projéteis de artilharia, ouvia os crânios deles a estalarem debaixo das rodas... Os ossos deles... E sentia-me feliz...»

\*

*Da conversa com o censor:*

— Sim, custou-nos muito a Vitória, mas a senhora deve ir à procura de exemplos heroicos. São às centenas. E a senhora mostra a sujidade da guerra. Assim como escreve, a nossa Vitória é aterradoradora... Aonde quer chegar?

— À verdade.

— Deve pensar que a verdade são as coisas da vida. O que está na rua. Debaixo dos pés. Ela é para si tão baixa. Tão terrestre. Não, a verdade são as coisas com que sonhamos. Como queremos ser!

\*

«Avançamos... As primeiras povoações alemãs. Somos jovens... Fortes. Há quatro anos sem mulheres. Nas caves há vinho. Comida.

Apanhávamos raparigas alemãs e... Dez homens violavam uma. Havia poucas mulheres, a população fugia do Exército Soviético. Apanhávamos raparigas novinhas. Meninas... Doze, treze anos... Se chorassem, batíamos, metíamos qualquer coisa na boca. As suas dores faziam-nos rir. Agora não percebo como fui capaz... Sou filho de uma família de gente culta... Mas fui eu...

» A única coisa que temíamos era que as nossas raparigas descobrissem. As nossas enfermeiras. Sentíamos-nos envergonhados perante elas...»

\*

«Vimo-nos cercados... Errávamos por florestas, por pântanos. Comíamos folhas, cascas de árvore. Umas raízes. Éramos cinco, um de nós era muito novo, recém-convocado. De noite, o vizinho sussurra-me: “O rapazinho está meio vivo, vai morrer na mesma. Estás a perceber...” “O que é que estás a dizer?” “Um antigo recluso contou-me... Quando se escapavam da prisão, levavam com eles um jovem de propósito... A carne humana é comestível... Salvavam-se assim...”

» Não tinha forças para lhe dar um murro. No dia seguinte, encontrámos *partisans*...»

\*

«Os *partisans* chegaram à aldeia de dia, a cavalo. Tiraram da casa o chefe da aldeia e o filho. Bateram-lhes na cabeça com varas de ferro até caírem. E acabaram por matá-los já no chão. Eu estava à janela. Vi tudo... Entre os *partisans* estava o meu irmão mais velho... Quando entrou na nossa casa e me quis abraçar, a dizer: “Olá, maninha!”, gritei: “Não te aproximes! Não te aproximes! És um assassino!” Depois fiquei muda. Não falei durante um mês.

» O meu irmão morreu... Como teria sido se ele tivesse ficado vivo? E se tivesse regressado a casa?...»

\*

«De manhã os alemães da expedição punitiva incendiaram a nossa aldeia... Só se salvaram os que fugiram para a floresta. Fugiram sem nada, de mãos a abanar, não levaram pão sequer. Nem ovos, nem toucinho. De noite, a nossa vizinha Nástia batia na filha porque ela estava sempre a chorar. A Nástia tinha cinco filhos. A Iúletchka, a minha amiga, era a mais fraca. Andava sempre doente... E os quatro meninos, todos pequenos, também pediam comida. E a Nástia endoideceu: “U-u-u... U-u-u...” E de noite ouvi... A Iúletchka a suplicar: “Mãe, não me afogues. Não volto a fazê-lo... Não volto a pedir-te comida. Não vou...”

» Na manhã seguinte já ninguém viu a Iúletchka.

» A Nástia... Regressámos à aldeia para encontrar só cinzas... A aldeia ardera. Pouco tempo depois, a Nástia enforcou-se numa macieira preta no seu pomar. Pendia muito baixo. Os filhos estavam ao lado dela a pedir comida...»

\*

*Da conversa com o censor:*

— Isto é mentira! É a difamação do nosso soldado, que libertou metade da Europa. Dos nossos *partisans*. Do nosso povo heroico. Não precisamos da sua pequena história, precisamos de uma grande história. A história da Vitória. A senhora não gosta dos nossos heróis! Não gosta das nossas grandes ideias. Das ideias de Marx e Lenine.

— Não, não gosto de grandes ideias. Gosto do homem pequeno...

### **Do que eu própria excluí**

«O ano de 1941... Estamos cercados. Connosco está o instrutor político Lúnin... Leu-nos a ordem que dizia que os soldados soviéticos

não se deixam aprisionar. Como disse o camarada Estaline, não há prisioneiros, há traidores. Os rapazes pegaram nas pistolas... O instrutor político ordenou: “Não é preciso. Vivam, rapazes, que ainda são novos.” E deu um tiro a si mesmo...

» Já estávamos em 1943... O Exército Soviético avançava. Atravessávamos a Bielorrússia. Lembro-me de um menino pequeno. Apareceu diante de nós saído algures de baixo da terra, de uma cave, a gritar: “Matem a minha mãe... Matem-na! Ela deitou-se com um alemão...” Tinha os olhos arregalados de pavor. Atrás dele corria uma velha de preto, toda vestida de preto. Corria e benzia-se: “Não liguem ao miúdo. Ele perdeu o juízo...”»

\*

«Fui chamada à escola... Conversou comigo uma professora que acabava de chegar da evacuação:

» «Quero transferir o seu filho para outra turma. Na minha turma estão os melhores alunos.»

» «Mas o meu filho só tem notas excelentes.»

» «Isso não conta. O menino viveu sob o jugo alemão.»

» «Sim, passámos dificuldades.»

» «Não me refiro a isso. Todos os que estiveram no território ocupado... Estão sob suspeita.»

» «Como assim? Não compreendo...»

» «Ele fala dos alemães às crianças. E também gagueja.»

» «Foi do susto. Ele foi espancado pelo oficial alemão que vivia na nossa casa. Não ficou satisfeito com a forma como o meu filho lhe tinha limpado as botas.»

» «Pois, vê... A própria senhora reconhece... Vocês viveram ao lado do inimigo...»

» «Mas quem deixou este inimigo chegar até Moscovo? Quem nos deixou aqui com os nossos filhos?»

» Fiquei histérica...

» Tremi durante dois dias com medo de que a professora me denunciasse. Mas deixou o meu filho na turma dela...»

\*

«De dia temíamos os alemães e os *polizei*<sup>6</sup>, de noite os *partisans*. Eles tiraram-me o último sustento, a vaquinha, só ficámos com o gato. Os *partisans* andavam esfomeados, rabugentos. Levaram-me a vaquinha, e eu segui-os... Andei uns dez quilómetros. A suplicar que ma devolvessem. Tinha deixado em casa três filhos esfomeados. “Vai-te embora, mulher!”, ameaçaram. “Senão matamos-te a tiro.”

» Vá lá encontrar uma pessoa boa na guerra...

» Era irmão contra irmão. Os filhos dos *kulakes*<sup>7</sup> regressaram do exílio. Os pais morreram, os filhos começaram a servir o poder nazi. A vingarem-se. Um deles matou um velho professor, nosso vizinho, na casa deste. Durante a *deskulakização*<sup>8</sup>, o professor tinha denunciado o pai dele. Era um comunista fervoroso.

» Ao princípio os alemães dissolveram os *kolkhozes*, deram terra à gente. Depois de Estaline, as pessoas puderam respirar. Pagávamos um tributo... Pagávamos pontualmente... Mas depois os alemães começaram a queimar-nos. A nós e às nossas casas. Levavam o gado e queimavam as pessoas.

» Oh, minha filha, tenho medo das palavras. As palavras são aterradoras... Eu salvava-me com o bem, não desejava mal a ninguém. Condoía-me de todos...»

\*

---

<sup>6</sup> Do alemão *Polizei*, habitante local que servia na polícia alemã durante a ocupação nazi.

<sup>7</sup> Camponês mais abastado que recorria a trabalho assalariado.

<sup>8</sup> Campanha de repressão contra *kulakes*, que incluía confisco de bens e deportação, levada a cabo na União Soviética entre 1929 e 1932.

«Cheguei com o exército até Berlim...

» Regressei à minha aldeia com duas Ordens da Glória e medalhas. Fiquei em casa três dias, a minha mãe vem acordar-me bem cedo ao quarto, ainda estavam todos a dormir: “Filha, arranjei-te uma trouxinha. Vai-te embora... Vai... Tens duas irmãs mais novas. Quem é que vai querer desposá-las? Sabem todos que estiveste na guerra quatro anos, com os homens...”

» Não toque na minha alma. Escreva como os outros, sobre as minhas condecorações...»

\*

«Na guerra é como na guerra. Não é um teatro...

» O destacamento pôs-se em formatura numa clareira, em círculo. No meio, o Micha K. e o Kólia M., os nossos rapazes. O Micha era um batedor corajoso, tocava a concertina. Ninguém cantava tão bem como o Kólia...

» A sentença demorou a ser lida: numa aldeia, exigiram duas garrafas de aguardente caseira, e de noite... violaram duas filhas dos donos da casa... Noutra aldeia, tiraram a um camponês... um sobretudo e uma máquina de costura, que gastaram logo em bebida, na casa vizinha...

» São condenados à morte por fuzilamento... A sentença é definitiva, sem possibilidade de recurso.

» Quem os fuzila? O destacamento está calado... Quem? Continuamos calados... Foi o comandante a executar a sentença...»

\*

«Fui metralhadora. Matei tantos...

» Depois da guerra, durante muito tempo tive medo de ter filhos. Tive depois de me acalmar. Passados sete anos...

» Mas não perdoei nada até hoje. Nem vou perdoar... Dava-me gozo ver prisioneiros alemães. Alegrava-me o seu ar penoso: com panos enrolados nos pés em vez das botas, panos na cabeça... Levam-nos pela aldeia, eles pedem: “Mãe, dá *pao*... *Pao*...” Admirava-me que os camponeses saíssem de casa e lhes dessem um bocado de pão ou uma batata... Os miúdos corriam atrás da coluna e atiravam-lhes pedras. E as mulheres choravam...

» Parece-me ter vivido duas vidas: uma masculina e uma feminina...»

\*

«Depois da guerra... A vida humana não valia nada. Dou um exemplo... Depois do trabalho vou para casa de autocarro, de repente ouço gritos: “Agarra, que é ladrão! Agarra, que é ladrão! Ai, a minha mala...” O autocarro parou... Levantou-se logo um alvoroço. Um jovem oficial tira do autocarro um rapazito, põe o braço dele no seu joelho e — zás! — parte-o ao meio. Volta para o autocarro... E continuamos a andar... Ninguém defendeu o rapazito, ninguém chamou a *miltisia*<sup>9</sup>. Não chamaram um médico. O oficial tinha o peito cheio de condecorações militares... Quando cheguei à minha paragem, ele desceu e deu-me a mão: “Queira passar, se fizer o favor...” Tão gentil...

» Lembrei-me disso agora... Mas naquela altura ainda continuávamos a ser militares, vivíamos de acordo com as leis do tempo de guerra. Serão essas leis humanas?»

\*

«O Exército Vermelho regressou...

» Autorizaram-nos a escavar as valas, a procurar o sítio onde os nossos familiares tinham sido abatidos. Diz a tradição que junto

---

<sup>9</sup> Nome da polícia na União Soviética.

à morte é preciso estar-se de branco: de lenço branco, de camisa branca. Vou lembrar-me disso até ao meu último instante! As pessoas levavam toalhas brancas bordadas... Vestidas de branco... Onde terão arranjado aquilo tudo?

» Escavámos... Se alguém encontrava alguma coisa que reconhecia, levava-a. Havia quem levasse um braço num carro de mão, havia quem levasse uma cabeça numa carroça... Um morto não se mantém inteiro por muito tempo debaixo da terra, eles lá misturavam-se todos uns com os outros. Com o barro, com a areia.

» Não encontrei a minha irmã, pareceu-me que um pedacinho de tecido era de um vestido seu, era-me familiar... O meu avô também disse: levamo-lo, assim teremos algo para sepultar. Pusemos aquele pedaço de vestido num caixãozinho...

» Quanto ao meu pai, recebemos um papel que dizia “desaparecido”. Outras pessoas recebiam alguma coisa pelos seus mortos em combate, mas os funcionários do soviete meteram medo a mim e à minha mãe: “Não têm direito a ajudas. Ele pode muito bem estar a viver com uma *frau* alemã. Ser inimigo do povo.”

» Comecei a procurar o meu pai na época de Khrushchev. Recebi a resposta quarenta anos mais tarde, com Gorbachev: “Não consta das listas...” Mas respondeu um companheiro seu de regimento, e soube que o meu pai morrera como herói. Perto de Moguilev, atirou-se para debaixo de um tanque com uma granada...

» Infelizmente, a minha mãe não chegou a saber desta notícia. Morreu com o estigma de mulher do inimigo do povo. Do traidor. Houve muitas mulheres como ela. Que não chegaram a saber a verdade. Fui à sepultura da minha mãe com a carta. Li-lha...»

\*

«Muitos de nós acreditavam...

» Pensávamos que depois da guerra tudo iria mudar... Estaline acreditaria no seu povo. Mas ainda a guerra não tinha terminado,

já os comboios seguiam para Magadan<sup>10</sup>. Comboios com os vencedores... Foram presos os que tinham caído prisioneiros, os que tinham sobrevivido nos campos de concentração alemães, os que tinham sido levados pelos alemães para trabalhar: todos os que tinham visto a Europa e podiam contar como o povo vivia lá. Sem comunistas. Como eram lá as casas e as estradas. E que não havia *kolkhozes* em lado nenhum...

» Depois da Vitória todos se calaram. Mantinham-se calados e cheios de medo, como antes da guerra...»

\*

«Sou professora de história... Diz-me a memória que o manual escolar de história foi rescrito três vezes. Ensinei às crianças com três manuais diferentes...

» Perguntem-nos enquanto estamos vivos. Não rescrevam depois sem nós. Perguntem-nos...

» É muito difícil matar uma pessoa, sabe? Trabalhei na clandestinidade. Após seis meses recebi uma tarefa: conseguir trabalho como empregada de mesa na cantina dos oficiais alemães... Era jovem, bonita... Fui admitida. Teria de pôr veneno no panelão da sopa e juntar-me aos *partisans* no mesmo dia. Contudo, já estava habituada a eles, eram inimigos, via-os todos os dias, diziam-me: «*Danke schön... Danke schön...*» É difícil... É difícil matar... É mais pavoroso matar do que morrer...

» Ensinei história a vida inteira... E nunca soube como falar nisso. Com que palavras...»

\*

---

<sup>10</sup> Região no extremo oriente da Rússia, com uma extensa rede de campos de trabalhos forçados durante a era estalinista.

Tive a minha própria guerra... Passei um longo caminho com as minhas heroínas. Igual a elas, durante muito tempo não acreditei que a nossa Vitória tinha dois rostos: um belo, e outro aterrador, cheio de cicatrizes, impossível de ver. Disseram-me: «No combate corpo a corpo, ao matar um homem, olhamo-lo nos olhos. Não é o mesmo que largar bombas ou disparar numa trincheira.»

Ouvir o relato de uma pessoa sobre como matava e como a matavam é a mesma coisa: olhar nos olhos...

O número de mulheres combatentes no Exército Vermelho chegou quase a um milhão, mas a sua história nunca foi contada. Este livro apresenta testemunhos de mais de duzentas jovens russas que passaram de filhas, mães, irmãs e noivas a atiradoras, condutoras de tanques ou enfermeiras em hospitais de campanha. O seu relato não é uma história de combates, de vencedores ou de derrotados, de heróis e de proezas incríveis ou de generais; «a guerra “feminina” tem as suas cores, os seus cheiros, a sua iluminação e o seu espaço de sentimentos. Tem as suas palavras. Lá não são só elas, as pessoas, a sofrer, mas também a terra, os pássaros, as árvores». Em que pensavam? De que tinham medo? Como foi aprender a matar? É sobre isto que estas mulheres falam, mostrando uma faceta do conflito que a História, a ideologia, a «voz masculina», procurou apagar.

*A Guerra não Tem Rosto de Mulher*, a marcante obra de estreia de Svetlana Alexievich, foi originalmente publicada em 1985, depois de quatro anos de pesquisa e entrevistas. Esta edição corresponde ao texto fixado em 2002, quando a autora, que se considera uma «historiadora de almas», reescreveu o livro e incluiu novos excertos com uma força que, até então, a censura não lhe tinha permitido mostrar.

«Este é um dos mais terríficos e sensíveis registos de guerra,  
capaz de fazer chorar ou vomitar até os generais.»

Filipa Melo, *Jornal i*

«Um assombroso museu da memória feito de palavras.»

José Mário Silva, *Expresso*

«Uma nova forma de escrever a História.»

Fernando Sobral, *Jornal de Negócios*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

[elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-138-2



9 789895 891382